



Capa > Edições Anteriores > **v. 2**

v. 2

Atas – Investigação Qualitativa na Educação

ISBN // 978-972-8914-55-4

Sumário

Editorial	PDF
António Pedro Costa, Paulo Alexandre Castro, Sannya Rodrigues, Sónia Pais, Ronaldo Nunes Linhares	
Discurso coletivo sobre a participação em um grupo de pesquisa e estudo Uma análise quantitativa e qualitativa	PDF
Maria Paniago, Katia Silva	
A Relação Psicologia e Educação: Dos aspectos ontológicos às tramas da realidade atual	PDF
Sheila Santos	
Modelagem e carnaval uma associação possível?	PDF
Zulma Madruga, Maria Salett Biembengut, Valderez Lima	
A Educação a Distância Transformada em Espetáculo nos Meios de Comunicação	PDF
Camila Álvares, Veralúcia Pinheiro	
A Questão do Método na Seção “Relatos de Sala de Aula” da Revista Química Nova na Escola Uma análise inicial	PDF
Ângelo Francklin Pitanga, Bárbara Luisa Santos, Lenalda Dias Santos, Leticia Bispo Rocha, Suellen Janaina Cunha, Wendel Menezes Ferreira	
A presença do lúdico no atendimento educacional hospitalar Na perspectiva das professoras da rede estadual de educação	PDF
Ricardo Teixeira, Petrine Oliveira, Cleomar Sousa Rocha, Uyara Teixeira, Ellen Oliveira, Nelson Filice Barros	
Cultura Científica Empreendedora Ensaio acerca do tema	PDF
Anne Branco, Amarildo Menezes Gonzaga, Rosa Azevedo	
Contextualização no ensino de Química Um olhar sobre a formação inicial	PDF
Caroline Pereira, Keila Kiill	
Mostra de Matemática Demonstrações, experimentações e conhecimentos	PDF
Cláudia Negreiros, Maria Margareth Krause, Luciana Machado, Maria Elizabete Kocchann	
As TIC nas escolas públicas estaduais em Goiás: o que dizem professores de Matemática do ensino médio	PDF
Abadia Lourdes Cunha, Maria Barbalho, Liberalina Teodoro Rezende, Rildo Mourão Ferreira	
Impacto en Educación Primaria del uso de las tabletas digitales	PDF
Beatriz Palacios Vicario, Cruz Sánchez Gómez, Camino López García	
Contribuição da Unidade Educacional Sistematizada na formação do enfermeiro	PDF
Elza Higa, Elane Fátima Taipeiro, Maria Carvalho, Osni Lázaro Pinheiro, Sílvia Tonhom, Maria Rafner	
O papel da memória nos Ateliês de formação continuada e em serviço de professores	PDF
Jane Carmo Machado, Rui Neves	
Unidade de Prática Profissional: percepção dos estudantes e professores	PDF

SISTEMA ELECTRÓNICO DE EDIÇÃO DE REVISTAS

Ajuda do sistema

UTILIZADOR

Nome de utilizador

Senha

Memorizar nome utilizador

NOTIFICAÇÕES

- Visualizar
- Subscrever

IDIOMA

Selecione o idioma

CONTEÚDO DA REVISTA

Pesquisa

Pesquisa SCOPE

Pesquisar

- Por Edição
- Por Autor
- Por Título
- Outras revistas

TAMANHO DA FONTE

INFORMAÇÕES

- Para Leitores
- Para Autores
- Para Bibliotecários

<u>dos Cursos de Medicina e Enfermagem</u> S. Tonhom, M. Moraes, M. Costa, C. Hamamoto, L. Bacciali, O. Filho Almeida	
<u>As Barras Cuisenaire e a sua pertinência na estimulação de competências matemáticas em crianças autistas: Um estudo de caso.</u> Liliana Cristina Tavares, Isabel Calado, António Pedro Costa, Estela Coelho	PDF
<u>Leitura em Língua Inglesa A análise de uma década da pesquisa stricto sensu produzida no Brasil</u> Iremar Sebastião Reis	PDF
<u>Leitura do mundo e leitura da palavra A Tertúlia Literária Dialógica no ProFoQui – UNIFAL - MG</u> Keila Kill, Thays Salles, Vanessa Giroto	PDF
<u>Conhecimentos agroecológicos como estratégia didática para o ensino do ciclo do carbono (C) e nitrogênio (N)</u> Anderson Colares Soares, Lucilene Silva Paes, Jean Marques, Rosa Azevedo	PDF
<u>O Ensino da Liderança na Graduação em Enfermagem</u> Gisleangela Carrara, Jorge Luiz Rigobello, Paula Batista Luize, Priscila Lapaz Baldo, Andrea Bernardes, Carmem Sílvia Gabriel	PDF
<u>Emocionar: experiências enquanto acontecimentos utilizando as tecnologias digitais de informação e comunicação</u> César Augusto Müller, Clara Costa Oliveira	PDF
<u>Análise de discurso e metodologia visual Significados do amor para crianças portuguesas</u> Júlio Gomes, Judite Zamith-Cruz, Zélia Anastácio, Rita Fernandes	PDF
<u>Reflexão Crítica sobre o Crescimento e a Qualidade do Ensino Superior: O Caso do IFMA no Brasil</u> Raimund Oliveira, Maria Teixeira, Francislê Ner Souza	PDF
<u>Educación y género El largo proceso del rol de la mujer en la economía de México</u> Jesús Lechuga Montenegro, Giovanna Ramírez Argumosa, Maricruz Guerrero Tostado	PDF
<u>O Currículo e a Formação por Projetos</u> Amarildo Menezes Gonzaga, Whasgthon Aguiar Almeida	PDF
<u>Relato de Experiência Importância do miniOSCE como instrumento de avaliação formativa dos estudantes do curso de graduação em enfermagem</u> Valéria Batista Silva, Valéria Ribeiro Moraes	PDF
<u>Educação a Distância on-line Uma análise do Ensino de Matemática</u> José Junior, Rony Freitas	PDF
<u>Utilização da análise de conteúdo na investigação da evolução conceitual do conceito de velocidade de estudantes do Ensino Médio</u> Whornton Vieira Pereira, Simone Fernandes	PDF
<u>O Programa Ensino Médio Inovador em Santa Catarina e as Tecnologias Digitais</u> Eiana Scremin Menegaz	PDF
<u>Um estudo da Ambientalização Curricular dos Cursos de Licenciatura em Química de Sergipe</u> Ângelo Francklin Pitanga, Bárbara Luisa Santos, Lenalda Dias Santos, Leticia Bispo Rocha, Suellen Janaína Cunha, Wendel Menezes Ferreira	PDF
<u>Livros didáticos de Biologia do ensino médio Uma análise de conteúdo dos temas Biotecnologia e Engenharia Genética</u> E. Chaves, M. Camarotti	PDF
<u>Reelaboração conceitual em química e a prática docente</u>	PDF

W. Rizo, J. Andrade, D. Abreu	
<u>Ensino Médio: Função Propedêutica ou de Formação para a vida?</u> Paulo Vitor Souza, Rosa Maria Silva, Nicéa Amauro, Paulo Alexandre Castro	PDF
<u>Processos de Gestão da Informação para Extração de Indicadores de Evasão Discente em Cursos Realizados na Modalidade à Distância</u> Paloma Albuquerque Diesel, Renata Porto, Fred Fonseca	PDF
<u>Uma Proposta de Categorização de Vídeos do YouTube e Análise do Potencial Pedagógico para a Educação Sexual</u> Andreia Lelis Pena, Gerson Souza Mól, Fernanda Miranda	PDF
<u>Formação de professores para área de Ciências da Natureza Universidades do Brasil e Portugal: uma comparação</u> Patrícia Esteves, Pedro Wagner Gonçalves, Ana Alexandra Rodrigues	PDF
<u>Formação de Professores: uma análise qualitativa do perfil de alunos do Curso Superior Educação do Campo</u> Adriana Sadoyama, Leonardo Santos Andrade, Maristela Vincente Paula, Neila Borges, Serigne Ba, Vagner Rosalem	PDF
<u>A Pesquisa em Avaliação Institucional História, princípios e práticas na Universidade Estadual de Goiás</u> Iria Brzezinski, Joana Corrêa Goulart	PDF
<u>Percepção de Estudantes e Docentes sobre uma Unidade Educacional em curso de Medicina com Metodologia Ativa</u> Anete Maria Francisco, Ana Amaral, Haydée Maria Moreira, Sílvia Tonhom	PDF
<u>Análise de um programa de educação pelo trabalho para saúde no cuidado em álcool e outras drogas</u> Larissa Arbués Carneiro, Nilce Costa	PDF
<u>Memórias sobre o uso do moodle Alunos de contábeis</u> Janaina Borges Almeida, Jocyléia Santana Santos	PDF
<u>Observação na Pesquisa Qualitativa Contribuições e dificuldades em estudo de caso</u> Rosana Kripka, Danusa Lara Bonotto, Luciana Richter	PDF
<u>Pesquisa qualitativa em educação Um caso de triangulação de métodos</u> Erico Paula, Helena Ornellas Sivieri-Pereira	PDF
<u>Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa</u> Rosana Kripka, Morgana Scheller, Danusa Lara Bonotto	PDF
<u>O Uso de Narrativas Autobiográficas na Pesquisa Qualitativa em Educação</u> Maria Conceição Passeggi, Felipe Ribeiro, Gilcilene Nascimento, Roberta Oliveira, Vanessa Silva	PDF
<u>El abordaje metodológico en una serie investigaciones sobre directivos escolares en la Argentina Primeras Reflexiones</u> Ariel Roberto Canabal	PDF
<u>Redes Sociais Facebook como Instrumento de Pesquisa e Espaço de Investigação</u> Mariana Rodrigues Zadminas, Vera Vasconcellos	PDF
<u>Narrativas educativas e a constituição de grupos que integram ensino, pesquisa e extensão</u> Bárbara Sicardi Nakayama, Renata Prensteter Gama	PDF
<u>Grupos de estudos e pesquisa educacional integrando universidade e escola identificação com a matemática e com a profissão professor</u> Renata Prensteter Gama, Bárbara Sicardi Nakayama	PDF
<u>Análise Textual Discursiva e suas possibilidades: um estudo piloto</u> Fernanda Conzatti, Tárzia Rita Davoglio	PDF

Saberes Docentes na formação de professores para o Ensino Técnico Fernanda Silva, Rosa Azevedo	PDF
Gerenciando el aula con Herramientas de PNL Una guía para la Comunicación Eficaz María Vanga Arvelo, Adalberto Fernández Sotelo	PDF
Proceso de Evaluación del Comportamiento Estudiantil para Potenciar su Desempeño Adalberto Fernández Sotelo, María Vanga Arvelo	PDF
Los estudios cualitativos sobre los posgrados en educación en América Latina Luis Sime Poma	PDF
Ludonarrativa Narrativas Lúdicas em abordagens qualitativas de pesquisa Rosemary L. Ramos	PDF
Metodologia qualitativa um estudo sobre imagens de constelações criadas por alunos do ensino fundamental Ariadna Silva Amador, Juliana Eugênia Caixeta	PDF
Creencias sobre las matemáticas y su enseñanza-aprendizaje Propuesta de nueva metodología cualitativa para su estudio Marina González Serrano, Luis García, Jose Carvalho, Ricardo Luengo González	PDF
Comunidade Remanescente Quilombola Kalunga direito à educação como expressão de cidadania no ensino fundamental Ana Taveira, Iria Brzezinski	PDF
As tecnologias no cotidiano escolar: um estudo piloto sobre o Programa Um Computador por Aluno considerando o ensino de ciências em Manaus Andréia Araújo, Edson Valente Chaves	PDF
Sobre moral, ética e projeto revolucionário Uma análise à luz da metodologia qualitativa da formação docente Juliana Eugênia Caixeta, Maria Amparo Sousa, Flávia Vivaldi	PDF
Pesquisa Educacional no Brasil Revisitando o Passado para Projetar o Futuro Míriam Nunes, Joana Jesus Andrade	PDF
Percepção dos professores sobre os desafios da mobilidade dos estudantes da UNEMAT na aprendizagem da Matemática Maria Kochhann, Dayse Neri Souza	PDF
Educação científica nas Relações de ensino Imagens de cotidiano e/ou conceitos científicos? F. Rizo, M. Tadine, E. Oiyé, J. Andrade, D. Abreu	PDF
Teaching methodologies and assessment in Higher Education The centrality of students Susana Oliveira Sá, Maria Palmira Alves, Maria Palmira Alves, António Pedro Costa, António Pedro Costa	PDF
Articulações metodológicas da Análise Textual Discursiva com o ATLAS.ti compreensões de uma Comunidade Aprendiz Leidy Ariza, Vânia Dias, Robson Simplicio Sousa, Bruna Roman Nunes, Maria Carmo Galiazzi, Elisabeth Brandão Schmidt	PDF
Análise Textual Discursiva com apoio do software SPHINX Marlubia Corrêa Paula, Lori Viali, Gleny Guimaraes	PDF
Desenho de uma aplicação interativa para exploração criativa em museus de arte Raquel Barros, Nelson Zagalo, Lia Oliveira	PDF
Políticas Públicas de Inserção das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) O caso da Educação Municipal de Aracaju/SE Cristiane Porto, Sheilla Silva Conceição, Juliana Dias Silva, Kaio	PDF

Oliveira, Daniella Jesus Lima	
<u>Residência Multiprofissional em Saúde Percepção dos residentes sobre a Educação Interprofissional nas práticas colaborativas</u> Isis Alexandrina Casanova, Nildo Alves Batista, Lídia Ruiz-Moreno	PDF
<u>Perspectivas do conceito de coeducação uma revisão sistemática</u> Aldenise Cordeiro Santos, Dinamara Garcia Feldens, Anthony Santana	PDF
<u>Projeto de Pesquisa uma abordagem qualitativa</u> Jordelina Anacleto Voos, Mariluci Neis Carelli	PDF
<u>Perspectiva Estudantil y Métodos Mixtos Las encuestas on-line</u> Gracy Gómez	PDF
<u>Revisão Sistemática e Metanálise Níveis de Evidência e Aplicabilidade em Pesquisa Científica</u> Hortência Abreu Gonçalves, Marilene Nascimento, Kathia Nascimento	PDF
<u>Ciência e outras culturas proposições para o ensino de ciências e biologia</u> Ayane Souza Paiva, Karina Vieira Martins, Rosiléia Oliveira Almeida	PDF
<u>Desarrollo del pensamiento reflexivo y crítico en los estudiantes de enfermería de Iberoamérica estado del arte</u> Lucila Cárdenas Becerril, María Porrás, María Gómez, Marta Lenise Prado, Beatriz E Talavera	PDF
<u>Promoção de Flexibilidade Cognitiva e Interdisciplinaridade Através da FlexQuest® Uma Plataforma Web 2.0</u> Iris Silva, Marcelo Leão, Francislê Neri Souza	PDF
<u>Uso do diário de campo em investigações no ambiente escolar A construção de uma metodologia</u> Sarah Camello Vasconcellos, Ana Lúcia Franisco	PDF
<u>Vivenciar e Perceber o Lugar Estudo da percepção ambiental de escolares da rede municipal de ensino da cidade de Anápolis, Goiás, Brasil</u> Marisa Moreira Barros, Giovana Galvão Tavares, Josana Castro Peixoto, Sandro Dutra Silva	PDF
<u>A Ciência e o Cientista na perspectiva de professores da Educação Básica</u> Andreia Stroschoen, Itacir Santim, Miriam Ines Marchi, Rogério Schuck	PDF
<u>Análise qualitativa das competências do gestor hospitalar</u> Alexandra Bulgarelli Nascimento, Cristina Araújo Lasevicius, Gustavo Santos	PDF
<u>Professores e envelhecimento: um estudo de Representações Sociais</u> Ivone Oliveira Lima, Miriam Ross Milani, Gislanei Crepaldi Silva, Iraneide Albuquerque Silva, Maria Sanches, Vania Cristhina Nadaf	PDF
<u>Investigação Qualitativa em Psicologia da Educação Estudo dos perfis de alunos de mérito escolar</u> Ana Pereira Antunes, Maria Fátima Morais	PDF
<u>Residência Multiprofissional em Saúde: formação com metodologias ativas de ensino-aprendizagem</u> Karla Honda, Mara Quaglio Chirelli	PDF
<u>A Inserção do Livro Didático Digital na Escola Expectativas de Professores do Ensino Médio</u> Alexander Dutra, Francislê Neri Souza, Fábio Freitas, Edgard Leonel Luz	PDF
<u>Como as TIC podem ser úteis no processo de investigação? O Caso do software IARS®</u> Dayse Neri Souza, Francislê Neri Souza, Isabel Alarcão, António Moreira	PDF

As marcas de subjetividade na divulgação da ciência uma análise do discurso Marcia Borin Cunha	PDF
A responsabilidade social do contexto escolar face ao desenvolvimento humano Matilde Neto, António Pedro Costa	PDF
Aplicación de la triangulación metodológica en la definición de perfiles docentes en EVAs Gonzalo Erazo, Luis Marqués Molías	PDF
Reflexões das Expectativas dos/as Bolsistas sobre a Participação no PIBID/UFS – Itabaiana Edinéia Tavares Lopes, Assicleide Silva Brito, Yasmin Lima Jesus, Maria Brito, Aline Nunes Santos	PDF
Currículo na Educação a Distância do IFMT Uma análise a partir do conceito de Aprendizagem Aberta Ireneide Albuquerque Silva, Dálete Albuquerque	PDF
Avaliação de um Programa de Formação para Integração das Tecnologias na Educação Edgard Leonel Luz, Alexander Dutra, Sócrates Quispe-Condori, Francislê Neri Souza, Fábio Freitas	PDF
A Formação dos Profissionais da rede de Atenção Primária à Saúde no Brasil e Portugal caminhos e significados Josefa Borges, Maria Cruz	PDF
Projeto Pedagógico do Curso na Odontologia atores e elementos norteadores na sua construção Lila Franco, Cristiane Bernardes, Luciana Carvalho Boggian, Bruno Silva, Pedro Spíndola, Ruberval Júnior	PDF
O Uso da História em Quadrinho como instrumento educacional para a escola inclusiva Ariane Silva Amador, Lucas Benevides, Juliana Eugênia Caixeta, Thiago Rodrigues Silva, Haianne Santos Souza, Bruno Nascimento Moraes	PDF
Estudio de los Valores que Comunican los Profesores a sus Alumnos en Tres Aulas de Quinto Básico de la Ciudad de Curicó, Chile para Conocer el Perfil de Persona que Pretenden Formar Rodrigo Arellano Saavedra	PDF
Iniciação Científica e Formação Acadêmica a perspectiva dos gestores de uma universidade em Sergipe/Brasil Marilene Nascimento, Marília Costa Morosini, Josevânia Teixeira Guedes	PDF
Internet e Juventude O Perfil dos Usuários da Web em Aracaju Luiz Andrade, Caio Alcântara, Ronaldo Nunes Linhares, Valéria Pinto Freire, Aurora Cuevas-Cerveró	PDF
Sobre o Instituto Luciano Barreto Junior Um Olhar Pós Implantação de seu Projeto Institucional Pedagógico Daniel Carvalho, Valéria Pinto Freire, Rosângela Doria Lima	PDF
Recursos Educacionais Abertos Significados na prática docente Josevânia Teixeira Guedes, Hortência Abreu Gonçalves, Marilene Nascimento	PDF
Desafios na Aquisição de Língua Estrangeira na Adolescência Aldo Rodrigues, Simone Amorim, Eliane Nateline, Larissa Hilário, Akistenia Ferreira	PDF
Da Exclusão à Inclusão Escolar Um Estudo Teórico sobre as Fases de Desenvolvimento da Educação Especial Ellis Santos, Francisco Sousa, Antonio Torres, Márcia Pires, José Filho	PDF
O fazer-se professor Uma abordagem acerca da identidade, da formação e da prática docente	PDF

Gilvânia Andrade Nascimento, Simone Silveira Amorim, Mirianne S. Almeida, Kátia Santos, Gleidson Santos, Tatiane Machado	
<u>Entrevista Biográfica Uma possibilidade de análise qualitativa de trajetórias educacionais e profissionais de jovens egressos do Ensino Superior</u> Valéria Bettio Mattos	PDF
<u>Altas habilidades/superdotações Formação de Professores de Ciências em Rede de Colaboração</u> Marcos Procópio, Leandra Fernandes, Ana Beneti	PDF
<u>Análise Comparativa do Sistema Nacional de Colocação de Professores em Portugal</u> Danilo Santos, Jorge Oliveira Sá, Luis Paulo Reis	PDF
<u>A Pesquisa em Contexto Digital análise nos Programas de Pós-Graduação em Educação</u> Graziela Giacomazzo	PDF
<u>Sistema de acciones y operaciones para escribir Ensayos académicos</u> Gisela Quintero	PDF
<u>Pesquisando Educação e Filmes na Paraíba</u> Virgínia Oliveira Silva	PDF
<u>Realidad y Perspectiva de la Educación Inclusiva de Ecuador Percepciones de los Actores Directos al 2014</u> Karen Corral, Jhonny Saulo Villafuerte, Santos Bravo	PDF
<u>Legados da Educação no Brasil Um estudo histórico do Colégio de Aplicação da Universidade Federal da Bahia</u> Claudiani Waiandt, Manuela Ramos Silva	PDF
<u>A percepção de professores e licenciandos de Química sobre a aprendizagem Um exercício de Análise Textual Discursiva</u> Maurivan Güntzel Ramos, Marcus Ribeiro, Maria Carmo Galiazzi	PDF
<u>Atividades didáticas para o ensino da classificação das plantas no sétimo ano do ensino fundamental</u> Lucilene Silva Paes, Delaine Lima, Jean Marques, Rosa Azevedo, Terezinha Barbosa	PDF
<u>Avaliação Formativa em Atividade Experimental de Química</u> Renata Bernardo Araújo, Yassuko Iamamoto, Daniela Gonçalves Abreu	PDF
<u>A Prática do Pensamento Reflexivo na Elaboração da Sistematização da Assistência de Enfermagem visão perceptiva dos docentes e discentes</u> Andréia Gomes Monteiro, Anselmo Amaro Santos, Vilanice Püschel, Denise Buono	PDF
<u>Uma experiência inovadora no aprendizado de metodologia qualitativa: A disciplina de Prática de Avaliação Organizacional na posgraduação strictu senso em Avaliação</u> Maria Beatriz Bettencourt, Maria de Lourdes Sá Earp	PDF
<u>Fatores e circunstâncias para o empoderamento do sujeito nas redes sociais um desenho de pesquisa</u> Andrea Brandão Lapa, Isabel Colucci Coelho, Vinicius Culmant Ramos, Fábio Malini	PDF
<u>Temas sociocientíficos baseados nas rotinas de uma cidade mediados por documentários pedagógicos: uma prática educativa de alfabetização científica no ensino médio público com enfoque CTSA</u> Larissa Merizio de Carvalho, Sidnei Quezada Meireles Leite	PDF

Análise de discurso e metodologia visual

Significados do amor para crianças portuguesas

Discourse analysis and visual methodology

Meanings of love for Portuguese children

Júlio Gomes¹, Judite Zamith-Cruz², Zélia Anastácio³

Instituto de Educação, Universidade do Minho
^{1,2}Centro de Investigação em Educação, ³Centro de
 Investigação em Estudos da Criança

Braga, Portugal

¹gomes.bcl@gmail.com, ²juditezc@ie.uminho.pt,
³zeliarf@ie.uminho.pt

Rita Fernandes

Pólo de Formação, Colégio de São Caetano
 Braga, Portugal

anarifernandes@gmail.com

Resumo — O objetivo do Estudo de Caso sobre narrativas gráficas é introduzir a investigação qualitativa psicossocial na imagética e na entrevista semiestruturada e individual, o que permite explorar potencialidades da metodologia visual [1] e análise crítica do discurso [2]. Na temática amores de infância, foram abordadas facetas do amor real/imaginado, visualmente representado e debatido, por 33 meninas e 22 meninos, de 5-12 anos, oriundos de meio (semi)rural português. Nos diálogos sobre os pictogramas de “pares”, os pequenos evitaram representar-se nas interações, discriminado o estereótipo de género. Os casais desenhados “não familiares” se *gostavam muito*, unidos por “amizade” e/ou “amor-paixão”, definidos como “namorados”. Debateram-se significados do amor «tipo amigos [e] a dar beijinhos na boca», em que foram as raparigas a desenhar o beijar e eles a ousar falar *disso*.

Palavras Chave - amor; crianças; género; pictograma; discurso.

Abstract — The objective of the Case Study of graphic narratives is to introduce a qualitative psychosocial research about imagery and semi-structured and individual interview, which allowed us to explore the potential of visual methodology [1] and critical discourse analysis [2]. On the subject of childhood loves, facets of real/imagined love were discussed, visually represented by 33 girls and 22 boys, aged 5-12 years old, coming from semi(rural) areas of Portugal. In the dialogues about the pictograms of “peers”, children avoided representing themselves in interactions, with a presentation of the gender stereotype. “Nonfamiliar” drawn couples loved each other, joined by “friendship” and/or “passionate love”, defined as “boy/girlfriend”. The debate on the meaning of love was of the «type friends [and] to give kisses on the mouth», where girls drew the kissing and the boys dared to talk about it.

Keywords - love; children; genre; pictogram; discourse.

I. INTRODUÇÃO

O presente estudo foi realizado no domínio de formação de educadores e professores de educação básica, numa unidade curricular ligada ao desenvolvimento na infância em que, pela

primeira vez, se teve intenção de integrar teoria e prática junto de crianças.

Propusemos o seguinte: (1) apreender relacionamentos privilegiados; e (2) encarar os futuros ambicionados de uma criança com um par. O amor faz ver um *outro* no extremo de todos os outros seres humanos. Faz aparecer a pessoa especial de extraordinárias qualidades. Quando ordenados os significados da vida, o amor é colocado mesmo à frente da amizade [3] e as pesquisas no *google* dispararam na pergunta mais vezes formulada: «o que é o amor?» [4] Misto de amizade e paixão entre duas pessoas, quando se ame, fica em suspenso a realidade na ficção, a imparcialidade dá lugar ao apreço desmesurado, a estratégia de defesa é perdida e opera-se uma enorme alteração nas ligações sinápticas do cérebro.

Parece inadequado ligar uma qualquer emoção ao funcionamento de sinapses, neurotransmissores e à discriminação de regiões no cérebro. Aliás, nem é consensual tratar-se o amor de uma emoção *per se*. Isto porque o amor romântico e o amor materno têm correlatos neuronais não plenamente compreensíveis no laboratório [5] [6] [7]. Desde que se utiliza a pesquisa com técnicas de imagem cerebral, os participantes (nomeadamente, os adolescentes apaixonados) preenchem um questionário com respostas fechadas [8]. Respondem “sim” ou “não”, por exemplo, a questões como «X aparece sempre no meu pensamento» ou «sinto-me feliz quando estou a fazer algo para fazer X feliz».

II. METODOLOGIA

Ao pretender-se abordar atitudes e significados do amor, com crianças de 5-12 anos, na zona Norte de Portugal, o grupo de estudo foi constituído por 55 crianças, de 5 a 12 anos, 33 meninas e 22 meninos. Optou-se portanto por um formato lúdico, criativo e com a valorização da sua escuta ativa, elucidada por [9] nos seguintes termos:

«A escuta ativa alia a disponibilidade total à pessoa entrevistada, a submissão à sua história particular, que pode conduzir a uma espécie de mimetismo mais ou menos dominado, a adotar a sua linguagem e a entrar no seu modo de ver, nos seus sentimentos, nos seus pensamentos, com a construção metódica, indispensável

do conhecimento das condições objetivas comuns a todas as categorias.»

Através do recurso ao desenho de uma pessoa “especial” e, noutro momento, mais tarde, de “pares”, quisemos dialogar sobre interações que os inquiridos mantinham/idealizavam. Todavia, pensou-se antes sobre o que se queria saber de crianças. Em primeiro lugar, pretende-se atingir a sua compreensão sobre o relacionamento entre pessoas na amizade, no amor, noivado, casamento e/ou separação. Depois, encarou-se a noção do desenho ser uma forma mais direta de aceder ao entendimento da relação do/a autor/a e um outro.

A. Amostra

O grupo de estudo foi constituído por 33 meninas e 22 meninos, entre 5-12 anos, residentes nos distritos de Braga, Viana do Castelo e Porto. Desses não aceitaram colaborar, respondendo a questões abertas, 3 meninas e 2 rapazes, após o esboço de um par.

B. Instrumento

O desenho de um par, realizado só a partir da idade escolar (dos 6 anos em diante), corresponde a uma sugestão do grafólogo francês Carlos Munõz Espinalt [10], para ser feito com adultos, o qual adaptámos a crianças: «Desenha um par como quiseres, sem te preocupares em ficar muito bem desenhado». O material disponibilizado foram a folha de papel A4, marcadores e o lápis preto. Ter-se-ia preferido os lápis de cor e de cera. Mas os marcadores proporcionam as melhores digitalizações. Aos entrevistadores foi indicado apontarem certas observações pertinentes, nomeadamente, se a criança fez comentários ou perguntas, enquanto estava a desenhar. Também se lhes forneceu uma ficha sociodemográfica e o segundo bloco do guião que foi concebido para a maior compreensão do desenho.

C. Procedimento

Foi colocado o papel em posição horizontal frente à criança, além dos meios de desenho e escrita e pediu-se-lhes que desenhasse. No segundo bloco do guião, perguntou-se, na seguinte ordem, entre outras questões relativas ao futuro do par: (1) Que relação une - dizendo-se têm - essas pessoas; (2) Em que lugar estão; (3) O que estão a fazer; e (4) O que é o amor. Não se usou propositadamente o termo “par humano”. Uma só vez (e para nossa surpresa) uma menina desenharia um par de pássaros. Os entrevistadores foram confrontados com a possível dificuldade de entendimento dos mais novos e sugeriu-se, por exemplo, que seja de dizer “...que relação tem...”, em vez de “...que relação une...”, com maior caráter de intimidade e de maior elaboração verbal.

III. RESULTADOS

O que é o amor? Para 31 raparigas, o amor tem múltiplos significados. Mas ainda assim com variantes e tipologias, duas dizem não saber o que seja o amor. «Não sei muito bem...» (7 anos 0 meses). Com um acento pessoal, a mais velha afirmou não ter namorado, possivelmente, por se exprimir da seguinte forma: «para mim, ainda não é nada... sem namorado» (8 anos 1 mês). O que se pode inferir é que «O amor é um sentimento

forte que uma pessoa sente pela outra» (11 anos 7 meses). Sendo um sentimento, pode agregar vários domínios ou áreas nem sempre fáceis de gerir, tanto por crianças como por adultos. Para uma menina de 9 anos e 5 meses, «o amor é vários sentimentos num só... o amor é alegria, carinho, confusão».

Mas o amor é um ou vários sentimentos? É *confusão*, *discórdia* e *dissenso*? Sim, porque a linguagem serve mais para confundir do que se possa pensar. Pode ser dado um exemplo focado. «É uma relação entre duas pessoas... duas pessoas unidas... é a felicidade e é apaixonar-se. É quando um se *chateia* e o outro faz as pazes e voltam a estar muito contentes» (9 anos e 7 meses). Há harmonia e instabilidade, entre guerras e *fazer as pazes*.

Todavia, evidenciam com maior dificuldade falar de namoro. No amor «é uma pessoa gosta muito de outra pessoa, como o amor dos pais pelos filhos e dos filhos pelos pais» (11 anos 11 meses). Esse é o *amor de família* na reciprocidade pais-filhos.

Uma jovem de 10 anos, a pensar na paz familiar, disse «O amor - para mim - é ver uma família unida» (Fig. 1). Nesse sentido, o amor «é uma coisa que une as pessoas» (11 anos e 1 mês).



Figura 1. Ilustração de unidade familiar

No que toca ao modelo de *gostar*, no amor adulto, a fala pode ter um só sentido. «É quando um homem gosta de uma mulher», disse a rapariga de 8 anos e 10 meses. Não disse que a mulher *tenha* que gostar do homem. De forma algo indefinida, uma menina afirmou que o amor «é uma coisa natural». (6 anos 8 meses). O amor é gostar da “vida”, para outra (6 anos 3 meses) e, afinal, «uma coisa muito boa» (8 anos 11 meses). «O amor é gostar de alguém *muitooooooooooooo*», falou alto outra pequena. O amor é gostar de alguém, por grande quantidade de ós? Essa resposta repetiu-se quatro outras vezes no grupo feminino – gostar por amar e, noutros termos, «tem que haver amizade».

Como se observa a seguir, foi colocado o amor em linha: gostar – namorar – casar – ter filhos. «Acho que sim [dizendo a menina de 5 anos e 5 meses saber o que seja o “amor”], acho que é que gostem das pessoas e namoram». «São pessoas que gostam uma da outra, casam-se e tem filhos», avançou outra de 6 anos e 6 meses. Mas para um menino, com 7 anos e 5 meses, foi ainda a professora que lhe terá dito que amor é «querer namorar, casar com outra pessoa». Mas são os amores possíveis de nem conduzirem ao casamento no altar, isto é, o amor contém manifestações de amizade: «o carinho, amizade e lealdade»; «uma amizade muito grande, com muito carinho»... Levará mais longe o carinho, «quando se gosta muito de alguém e *se faz coisas* por essa pessoa» (9 anos 3 meses). Mas

os pais amam-se, mutuamente, na circunstância de também «darem beijinhos e abraços». Por extensão de forma explícita, quem ama «anda junto, dá passeios, é *tipo* amigos mas a dar beijinhos na boca». Temos então o amor como forma de amizade “especial”, por ser «carinho, amizade e dar beijinhos na boca». Portanto, há a condição do beijar, acrescido à amizade: «Para mim, o amor é quando dou beijinhos na boca ao meu namorado» (8 anos 8 meses).

Todavia, serão namorados, os amigos por quem sentem amizade? Quem discriminará o *gostar* da amizade e do amor com beijos? Quando o amor também é indistinto de paixão? Quando seja salientado, nos seguintes termos por duas jovens perentórias: «É paixão, é uma força, é poder!» e «Paixão!» (Fig. 2).

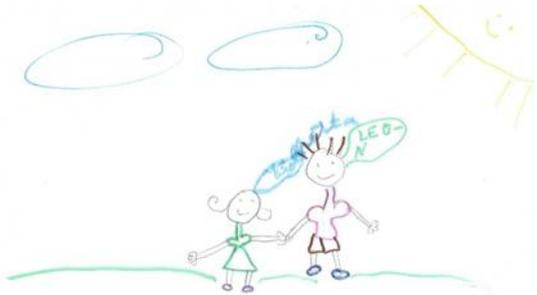


Figura 2. Ilustração de protagonistas de série televisiva

Por último, no sexo feminino, encontrou-se uma resposta que acrescenta algo mais ao amor, no sentido da atração física baseada no modelo de beleza dominante e cultural: «É o que as pessoas sentem umas pelas outras. Não é só o facto de ser feio ou bonito, não se julga pela aparência» (10 anos 1 mês). No sexo masculino, em 22 rapazes, ainda aos 6 anos, é *difícil* de explicar para vários, que nem *sabem* nem podem ter uma *ideia*, além de ser o amor «bonito» (6 anos e 6 meses). Como desejado bem-estar, «o amor é quando queremos que as pessoas estejam *bem*» (6 anos 4 meses) e «querer *bem*» (6 anos 5 meses).

Aos 9 anos e 0 meses e aos 12 anos 6 meses, já parece nem se querer dizer do que se possa ter vergonha em partilhar. Os *sei lá* multiplicaram-se e não se falou tanto do beijar, como no grupo feminino. Outro *sei lá*? Foi o que disse um rapaz, de 10 anos e 9 meses, com características do espectro do autismo, quando acrescentou algo improvável: «Não gosto de ninguém por amor!» O amor pode ser colocado, então, a partir de dentro, além do modo anteriormente focado e internalizado: «É uma coisa muito forte que bate *lá dentro* no coração» (11 anos 6 meses).

«Não sei, avança! [Faz outra pergunta].» Um rapaz com 10 anos e 9 meses não quis pronunciar-se com um encolher de ombros. Parecia que haveria dificuldade em partilhar um sentimento complexo que não *se vive*. «Não sei... é uma coisa muito difícil de definir... e o amor é gostar de alguém, é também um sentimento muito forte de uma pessoa para com outra e é-se capaz de fazer qualquer coisa por amor. Essa é a expressão mais elaborada no grupo masculino, por parte do pré-adolescente de 12 anos e 6 meses, que começa por dizer não saber.

O amor pode ser tão abrangente na interação, com ressonância neurofisiológica simpática no batimento cardíaco acelerado, indo além do amor filial: «Para mim, o amor é quando duas pessoas olham nos olhos uma da outra e o coração começa a bater muito. É também quando os pais gostam muito dos filhos» (12 anos 2 meses). O amor *une* (10 anos 4 meses) e «não separa mais». «É gostar muito um do outro e... não sei» (8 anos e 6 meses). Quem diz *não sei*, acentuou só depois que «o amor é quando se fica apaixonado e se gosta». Em idade precoce (mas não só) o *gostar de alguém, estar apaixonado* e amar essa pessoa confundem-se, de novo, quando um rapaz dos quatro que usam a palavra gostar afirmou: «Quando duas pessoas gostam uma da outra».

Como já se afirmou anteriormente, o amor «é amizade e alegria», nas figuras dos dois amigos, ele e o amigo Alberto. Mas não falará de amizade entre pares, quem pensa que «há que saber amar», sendo-se “amigo” (11 anos e 6 meses). Então, discriminam a amizade do gostar e estar apaixonado. Com 7 anos 9 meses, declaram que «[amor é] quando gostamos... Eu tenho muitas pessoas que eu gosto e tenho uma namorada»; é «mais do que amigos...» e «é uma pessoa que namora com outra, gostam um do outro» (Fig. 3).



Figura 3. Representação de um par em que o próprio se exclui

Pode explorar-se a conceção de namorar, quando afirmado: «amor é dar beijinhos, ser simpático e dar flores» (8 anos e 2 meses). No amor pode haver “carinho” e “respeito”. Quem o verbaliza, como outros, pode ter dissociado a representação visual da palavra a definir - amor. Foi o que ocorreu, quando o menino de 9 anos e 3 meses se representou com o irmão, sonhando ambos vir a trabalhar no campo. Depois dessa idade ampliaram-se os atributos do amor, além dos critérios anteriores: «o amor é companhia, felicidade, ternura, carinho, proteção, bem-estar e tudo mais»; «é a amizade, ajuda e a diversão»... O amor é «verdade, nunca mentirem um ao outro», disse um mais velho, de 11 anos e 2 meses.

Se entrarmos no tipo de amor de namorar (ou não), «é dar beijinhos na boca» (6 anos 9 meses). Pensar no que é «namorar... e amor também é amizade e felicidade» (6 anos e 9 meses) (Fig. 4).



Figura 4. Representação de par unido pela amizade e felicidade

Se nos voltarmos e encararmos a paixão verbalizada por eles, concluímos que esta não tem a ressonância encontrada nelas: «é estar apaixonado». Mas o que é estar apaixonado? «É casar.» (6 anos 6 meses). Mas quando não se case? «Acho que o amor é quando duas pessoas se conhecem um tempo e ficam apaixonadas» (11 anos e 10 meses).

IV. DISCUSSÃO FINAL

As crianças não atingiram ainda a alteridade, considerando o outro como o provedor das suas satisfações e tratam o par como *objeto* [11] ou, nos pictogramas, como um companheiro para as suas brincadeira e de lazer. As situações comuns foram esboçadas em pictogramas, por vezes, com timidez, inibição e ansiedade. Sem que se indique descontentamento com o quotidiano, os desejos/sonhos em ir a Paris e em *ver coisas novas* foram únicos, comparados com o desejo de casar. Quando se contrastou a narrativa gráfica com a realidade foram outros os pares do ecrã ou imaginados no romantismo.

Em relação a comentários espontâneos, escassos, um alongou-se nos quereres de *Romeu* ou *Julieta*. A menina de 7 anos e 6 meses que desenhou *Violetta* e *Léon*, acrescentou o seguinte: «Eu antes tinha mais inspiração...». A entrevistadora disse-lhe, em jeito de resposta: «Pelo menos vais tirar *satisfaz Bastante...*». Riram-se. A criança continuou o diálogo, afirmando que «agora os rapazes estão sempre a fazer cartões. São cartões de amor... Sem a professora ver, um mandou-me um coração a pedir-me em namoro...». Ficámos a saber o que

uma única ousou afirmar. Outra rapariga, de 11 anos e 11 meses, que desenha o irmão e a sua namorada Sílvia fez uma breve observação pessoal, para a qualidade da representação visual: «Ai que giros! Vou desenhá-los bem altos à Sílvia». A anotação crítica da representação pictográfica foi mais escutada.

Sobretudo dos 4 aos 8 anos, a curiosidade dos pequenos é poderosa e a imaginação fulgurante. Mas, quando estiveram prontos a manifestar-se contra desenharem um par, a concentração foi limitada e o enfado visível. Depois dos 8 anos, encontrou-se maior singularidade no companheiro/a escolhido e na espécie de duplo. E se o coração delas tem despertado mais nas atividades de dança e com as imagens de *Violetta* e *Léon* no ecrã, não estarão entretanto dedicadas a desenhar, quando essa atividade já escasseia na escola básica. Pensarão em dançar, a não ser que adultos interfiram no processo romântico no ecrã e não lhe dão razão de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] G. Rose, Visual methodologies. London: Sage, 2005.
- [2] L. Iñiguez, Análise del discurso. Manual para las ciencias sociales, 2ª Ed. Barcelona: EDIUOC, 2007.
- [3] G. Frazzetto, Como sentimos. Lisboa: Bertrand Editora, 2014.
- [4] T. Simon, Daily Mail, 11 de dezembro de 2012.
- [5] A. Bartels, and S. Zeki, "The neural basis of romantic love," Neuroreport, vol. 11, 382-3834, 2000.
- [6] A. Bartels, and S. Zeki, "The neural correlates of maternal and romantic love," Neuroimage, vol. 21, 1155-1166, 2004.
- [7] H. Aron, Fisher, D. Mashek, G. Strong, H. Li. And L. Brown, "Reward, motivation and emotional systems associated with early-stage intense romantic love," Journal of Neurophysiology, vol. 94, pp. 327-337, 2005.
- [8] E. Hatfield and S. Sprecher, "Measuring passionate love in an intimate relation," Journal of Adolescence, vol. 9, pp. 383-410, 1986.
- [9] P. Bourdieu, La misère du monde. Paris: Éditions du Seuil, 1993.
- [10] M. Xandró, Manual de tests gráficos, 5ª Impresión. Madrid: ESO, 2005.
- [11] F. M. Salvi and J. A. Malarewicz, "Quel âge avez vous sen amour?" Psychologies Magazine," vol. 338, 89-93, 2014 mars.